



CURSO DE PSICOLOGIA

LORRAINE BRENDA APARECIDA MOREIRA

SARAH DOS SANTOS MONTEIRO

**O SILENCIAMENTO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CONTEXTO
FAMILIAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA
MULHER**

Belo Horizonte

2023

M838s Moreira, Lorraine Brenda Aparecida

O silenciamento da violência psicológica no contexto familiar: uma discussão sobre os impactos na saúde mental da mulher. / Lorraine Brenda Aparecida Moreira, Sarah dos Santos Monteiro. – Belo Horizonte: FAMINAS, 2023.

25p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – FAMINAS, Belo Horizonte, 2023

Orientadora: Prof^ª. Ma. Thaís Francielle Alves

1. Agressão verbal. 2. Violência psicológica. 3. Mulheres. 4. Saúde mental. 5. Relações familiares. I. Moreira, Lorraine Brenda Aparecida. II. Monteiro, Sarah dos Santos. III. Título.

CDD: 155.232

**LORRAINE BRENDA APARECIDA MOREIRA
SARAH DOS SANTOS MONTEIRO**

**O SILENCIAMENTO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CONTEXTO
FAMILIAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA
MULHER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Psicologia da Faculdade de Minas
como requisito parcial à disciplina Trabalho de
Curso

Orientador: Prof. Ma Thaís Francielle Alves

Belo Horizonte

2023

**LORRAINE BRENDA APARECIDA MOREIRA
SARAH DOS SANTOS MONTEIRO**

**O SILENCIAMENTO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NO CONTEXTO
FAMILIAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA
MULHER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Psicologia da Faculdade de Minas
como requisito parcial à disciplina Trabalho de
Curso

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ma.

Prof. Dr. (a)

Prof. Ma.

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2023.

RESUMO

O PRESENTE TRABALHO ABORDA COMO A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA IMPACTA NEGATIVAMENTE NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES, PRINCIPALMENTE AS AGRESSÕES VERBAIS. ESSA VIOLÊNCIA EM SUA MAIORIA É COMETIDA POR HOMENS E FIGURAS DE AUTORIDADE, QUE DEVIDO A QUESTÕES SÓCIO HISTÓRICAS FOI INCORPORADA E NATURALIZADA PELA SOCIEDADE. AS DEMARCAÇÕES DE GÊNERO ACOMPANHADAS DO MACHISMO E DO PATRIARCADO NORMALIZAM ATITUDES QUE PODEM SER PRENÚNCIO DE VIOLÊNCIA FÍSICA OU EM CASOS MAIS GRAVES DE MORTE. NESSE SENTIDO, OBJETIVOU-SE DISCUTIR A RESPEITO DA NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRAS AS MULHERES A PARTIR DA INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO, DESCREVER SOBRE A ACEITAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CONFLITOS FAMILIARES E APONTAR OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, NO CONTEXTO FAMILIAR, NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES. PARTIU-SE DO PRESSUPOSTO QUE EXISTEM ASPECTOS HISTÓRICOS QUE CONSTRUÍRAM O CENÁRIO SOCIAL DOMINADO PELO PATRIARCADO E OBSERVOU-SE QUE EXISTEM DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES, EXPLICITOU SOBRE ELAS E CONSIDEROU A RELEVÂNCIA DO CONHECIMENTO DAS MESMAS PARA INTERVENÇÕES QUE VIABILIZEM A DESCONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO SOCIAL IMPOSITIVO E ERRÔNEO.

Palavras-chave: agressão verbal; violência psicológica; mulheres; saúde mental; relações familiares.

ABSTRACT

THE PRESENT WORK ADDRESSES HOW PSYCHOLOGICAL VIOLENCE NEGATIVELY IMPACTS WOMEN'S MENTAL HEALTH, PARTICULARLY VERBAL ABUSE. THIS VIOLENCE IS MOSTLY PERPETRATED BY MEN AND FIGURES OF AUTHORITY, AND DUE TO SOCIO-HISTORICAL ISSUES, IT HAS BEEN INCORPORATED AND NORMALIZED BY SOCIETY. GENDER DEMARCATIONS, ACCOMPANIED BY SEXISM AND PATRIARCHY, NORMALIZE ATTITUDES THAT CAN BE PRECURSORS TO PHYSICAL VIOLENCE OR, IN MORE SEVERE CASES, DEATH. IN THIS SENSE, THE OBJECTIVE WAS TO DISCUSS THE NATURALIZATION OF VIOLENCE AGAINST WOMEN BASED ON THE INFLUENCE OF PATRIARCHY, DESCRIBE THE ACCEPTANCE OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN FAMILY CONFLICTS, AND HIGHLIGHT THE IMPACTS OF PSYCHOLOGICAL VIOLENCE, WITHIN THE FAMILY CONTEXT, ON WOMEN'S MENTAL HEALTH. THE STARTING POINT WAS THE ASSUMPTION THAT THERE ARE HISTORICAL ASPECTS THAT HAVE CONSTRUCTED A SOCIAL SCENARIO DOMINATED BY PATRIARCHY. IT WAS OBSERVED THAT THERE ARE DIFFERENT TYPES OF VIOLENCE IN RELATIONSHIPS, ELUCIDATED THEM, AND CONSIDERED THE RELEVANCE OF UNDERSTANDING THEM FOR INTERVENTIONS THAT ENABLE THE DECONSTRUCTION OF AN IMPOSING AND ERRONEOUS SOCIAL DISCOURSE.

Keywords: verbal aggression; psychological violence; women; mental health; family relationships.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quadro sinóptico com as informações das referências utilizadas.....10

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 PROBLEMA E HIPÓTESE.....	10
4 OBJETIVOS.....	10
4.1 OBJETIVO GERAL.....	10
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
5 METODOLOGIA.....	11
6. DISCUSSÃO.....	15
6.1 A HISTORICIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	15
6.2 OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA SAÚDE MENTAL DA MULHER.....	19
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher existe por diversas causas, pode ser compreendida através de aspectos religiosos, sociais, culturais e econômicos. É um acontecimento de complexa conceituação que provoca danos à saúde das mulheres. No Brasil, no ano de 2006, foi implementada a primeira medida efetiva para a mudança desse contexto violento, a Lei Maria da Penha. “A lei prevê a criação de equipamentos indispensáveis à sua efetividade como Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Centros de Referência da Mulher, Casas Abrigo, entre outros.” (MEDTLER E CÚNICO, 2022, p.199).

Medtler e Cúnico (2022) denotam que, infelizmente para algumas mulheres, pode ser difícil entender que estão vivendo em um contexto de violência, já que faz parte da situação que a vítima interioriza as opiniões do agressor. A violência pode se manifestar desde as formas mais veladas, ocultas até as indubitáveis, incontestáveis, podendo resultar até em feminicídio. Vale ressaltar que qualquer que seja a forma de atacar uma mulher, a violência psicológica sempre está presente.

Os mesmos autores mencionam que, a violência contra as mulheres é consentida pela sociedade, permitindo o seu prolongamento e prejudicando que os direitos das mulheres sejam respeitados. Todo esse sofrimento pode ocasionar sintomas como tristeza, angústia, preocupação, sentimento de impotência e medo intenso. Mesmo que existam avanços obtidos para a garantia dos direitos das mulheres, existe uma dicotomia entre o que as leis podem assegurar e a realidade das vítimas.

Algumas mulheres não reconhecem o comportamento violento como uma violência ou não conseguem nomear. Isso acontece devido a descrença existente na sociedade brasileira de que, fenômenos como humilhação, desqualificação, críticas destrutivas, exposição a situações vexatórias, e outras circunstâncias, são consideradas violência.

Por isso, o presente trabalho pretende enfatizar a importância de se ter conhecimento dos possíveis impactos causados pela violência psicológica na saúde mental das mulheres e também de sugerir a conscientização dos prejuízos advindos dessa violência. Esta pesquisa aborda também a agressão verbal, entendendo que são poucos os estudos que focam especificamente nesse tipo de agressão, e não se trata apenas de um fator de risco para distúrbios psicológicos ou sintomas físicos, mas impacta na saúde mental e nas experiências ao longo da vida da mulher.

2 JUSTIFICATIVA

Compreender os tipos de violências e discutir sobre os impactos causados na saúde mental das mulheres, que são vítimas de violência psicológica dentro do contexto familiar, é de extrema importância. Sobretudo as agressões verbais, uma vez que são praticadas geralmente por figuras de autoridade como, avós, pais e irmãos, sugerindo uma compreensão e naturalização dessas transgressões.

Esta pesquisa, a princípio seria norteada a partir da perspectiva de violências sofridas em relacionamentos amorosos, entretanto, no decorrer dos estudos ficou evidente a influência direta que a convivência e os conflitos familiares exercem sobre a tendência de aceitação e naturalização da violência psicológica e das agressões verbais, que é prenúncio de possível violência física, inclusive em relacionamentos amorosos.

Conclui-se que, a seguinte pesquisa se faz necessária para a discussão proposta. Portanto, decidiu-se trabalhar com esse tema que é encontrado na sociedade brasileira e remete-se a cultura ainda estacionada em paradigmas que devem ser quebrados para enfrentar o machismo estrutural e o patriarcado.

3 PROBLEMA E HIPÓTESE

O tema deste trabalho propõe a discussão: como a violência psicológica no contexto familiar pode afetar a saúde mental e a vida da mulher.

Para a compreensão do tema entende-se necessário uma reflexão e releitura da influência do patriarcado a respeito da perpetuação da violência e a influência da família em relação a naturalização da violência psicológica na sociedade brasileira, principalmente a agressão verbal. Tendo em vista ser indispensável a abordagem desses assuntos, o texto refere-se a como essas questões afetam a saúde mental de mulheres e suas experiências ao longo da vida.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é discutir sobre a violência psicológica no contexto familiar e os impactos desta na saúde mental e na vida da mulher. A pesquisa se propõe a evidenciar o conceito de feminilidade, as principais formas de violência presentes no contexto

familiar e como elas acontecem, o processo social de inserção e naturalização da inferioridade da mulher, o reflexo do patriarcado nas situações de violência e as respostas dos movimentos feministas diante desse cenário.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explicar sobre a naturalização da violência contra as mulheres a partir da influência do patriarcado;
- Demonstrar a aceitação da violência contra a mulher a partir de conflitos familiares;
- Apontar os impactos causados pela violência psicológica na saúde mental das mulheres.

5 METODOLOGIA

Este trabalho tem como escopo metodológico a revisão narrativa da literatura. A pesquisa é básica com abordagem qualitativa, visto que esse método é mais adaptável a questões sociais. Buscou-se saber como a violência psicológica, especialmente as agressões verbais, dentro de relacionamentos familiares afetam a saúde mental e a vida de mulheres. A escolha do método se dá como estratégia metodológica, vista a possibilidade da síntese e a análise do conhecimento científico já produzido acerca do tema proposto. Andrade (2021) vai explicar que a revisão narrativa é diferente das outras modalidades de revisões devido ao seu foco em mapear o conhecimento produzido em alguma área específica.

Na elaboração da pesquisa proposta foi realizado um levantamento dos artigos na literatura indexada nos portais de periódicos Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), e Google Acadêmico. Além dos livros "Violência e abuso - respostas simples para questões complexas" de Teresa Magalhães (2010), "Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação" de Valeska Zanello (2020), e "Interfaces entre saúde mental, gênero e violência" organizado por Aline Brilhantes juntamente com Ana Catrib, Fátima Pinheiro, Juliana Silva e July Branco (2018). Tais obras foram escolhidas devido a relevância e o domínio sobre o tema do trabalho.

Foram utilizados para busca dos artigos os seguintes descritores: "relações familiares", "abuso verbal", "agressão verbal", "mulheres", "saúde mental" e "violência psicológica". A respeito dos critérios de inclusão, foram definidos os seguintes: artigos publicados entre 2013

e 2023, com exceção dos artigos: “Movimentos sociais e educação” publicado em 1998 e “Gênero e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica” publicado em 2007, devido à relevância de ambos para o tema. Quanto aos critérios de exclusão dos artigos inicialmente selecionados envolvem: a sua indisponibilidade em inteiro teor, não responder ao objetivo proposto para essa pesquisa e estar duplicado nas bases de dados.

Todos os artigos utilizados se encontram em português e retratam a temática da pesquisa. Foram realizadas leituras do resumo e após possível resposta à pergunta problema e ao objetivo delineado, a leitura do conteúdo completo fazendo combinações entre os descritores. A partir disso, será apresentado a seguir um quadro sinóptico contendo título, autores, ano e conteúdo principal, com o objetivo de unificar as informações das referências utilizadas e facilitar a visualização das informações encontradas nos artigos, além de sintetizá-las e compará-las.

Quadro 1 - Quadro sinóptico com as informações das referências utilizadas

TÍTULO	ANO	AUTORES	CONTEÚDO PRINCIPAL
Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo.	2015	Cinzia Arruzza	O artigo refere-se à discussão sobre a influência que o patriarcado exerce sobre o capitalismo. Ou seja, o quanto a atual estrutura capitalista reflete e reforça a opressão de gênero.
Interfaces entre saúde mental, gênero e violência.	2018	Aline Brilhante, Ana Catrib, Fátima Landin, Juliana Silva e July Branco	A obra reúne publicações que abordam sobre a saúde da mulher e as implicações causadas por questões de violência e aos gêneros.
Reflexões para a análise da violência verbal.	2019	Patrick Charaudeau	O artigo aborda as formas como são vistas a agressão verbal, levando em consideração a participação dos meios de comunicação, e a influência midiática sobre a naturalização desse tipo de violência.
Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência	2014	Barbara Madruga Cunha	O artigo enfatiza que a Lei nº 11.340/06 não é totalmente efetiva tendo ainda um longo caminho

de gênero			a ser percorrido pelos movimentos feministas.
A violência psicológica contra as mulheres, traumas e consequências	2020	Franciele Lima Gonçalves	O artigo remete-se a estudos sobre a violência contra mulheres, as formas que elas acontecem e quais são as consequências que afetam a saúde dessas vítimas, principalmente em relação à saúde mental.
Violência e abuso - respostas simples para questões complexas	2010	Teresa Magalhães	Esta obra tem como intuito falar sobre violência relacionando-a com questões sociais, econômicas e familiares. Traz esclarecimento sobre conceito e classificação de violência; como elas acontecem; quem são as vítimas e principais causas e consequências; e etc.
Lei Maria da Penha	2006	Brasil	Lei federal com enfoque na violência de gênero, busca principalmente defender os direitos de vida e integridade física da mulher.
Violência contra a mulher: onde começa e quando termina?	2022	Jéssica Medtler e Sabrina Daiana Cúnico	Esse estudo teve como objetivo compreender os impactos da violência na perspectiva de quatro mulheres que sofreram agressão por parte de um ex-companheiro. O artigo traz a importância de intervir antes da passagem ao ato da violência, visto que após a ocorrência percebe-se uma mobilização abrangente. Por fim, sugere novos estudos para a criação de políticas públicas para conscientização das pessoas envolvidas em situações de violência.
Feminilidade: um perfil cultural	1998	Aida Novelino	Fala sobre a construção da feminilidade, assim como os traços

			intitulados femininos. Além de falar sobre o amor romântico, que carrega elementos cercados no que se refere à mulher.
Violência e suas implicações no campo da saúde mental das mulheres: uma revisão integrativa da literatura no âmbito da Psicologia.	2023	Lindalva Jéssyka Oliveira Andrade e Álissan Karine Lima Martins	Esse trabalho procurou analisar a contribuição e o papel da Psicologia no campo de saber e prática com o levantamentos acerca das consequências da violência contra a mulher na saúde mental.
Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno	2019	Camila Siqueira e Ellen Rocha	O artigo aborda as possíveis causas de violência psicológica contra mulher, analisando também os impactos na saúde mental delas. Discorre sobre os possíveis transtornos que podem se desenvolver a partir das agressões e propõe mais atenção às formas de prevenção e apoio em casos de violência.
Gênero e saúde mental: Uma abordagem epidemiológica.	2007	Cidália Rabasquinho e Henrique Marques Pereira	Esse estudo refere-se aos transtornos mentais que são encontrados na população que utiliza os serviços de psicologia na saúde mental.
Violência entre parceiros íntimos: sinais que indicam vitimização	2023	Nataly Silva	O artigo analisa os sinais que evidenciam a violência e a reincidência das agressões, além de quais são os tipos de violência contra a mulher
Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico	2015	Valeska Zanello, Gabriela Fiuza e Humberto Soares Costa	Saúde mental e gênero traz consigo o apontamento das questões com base nos estereótipos de gênero que influenciam no adoecimento e nas formas geradores de sofrimento psíquico.
Patriarcado e capitalismo: uma relação simbiótica	2016	Terezinha Martins dos Santos Souza	É um trabalho que aborda sobre a possibilidade de alcançar o pleno desenvolvimento

			humano através da eliminação não somente da natureza hierárquica da divisão sexual do trabalho, mas também da própria divisão.
Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos	2018	Paula Orchiucci Miura <i>et al.</i> ,	Esse artigo analisa alguns termos relacionados à violência.
Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação	2020	Valeska Zanello	Essa obra aborda questões de gênero com o intuito de compreender os processos de subjetivação que se configuram historicamente na cultura brasileira.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

6. DISCUSSÃO

6.1 A HISTORICIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Miura *et al.*, (2018) descreve a palavra violência como a qualidade de ser violento; ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso da força; coação. Os atuais estudos sobre o significado e uso da palavra “violência” contribuem para a ampliação e ressignificação, além da desconstrução dos conceitos abordados socialmente. Quanto à violência doméstica, esta é retratada como todo ato e/ou omissão praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação a um indivíduo. Esses atos podem causar danos físicos, sexuais e psicológicos à vítima. Sobre a violência contra a mulher, o termo violência doméstica é utilizado e observado na Lei Maria da Penha.

Segundo o Instituto Maria da Penha (IMP), estão previstos cinco tipos de violências na Lei n. 11.340/2006, a Lei Maria da Penha, que foi sancionada em 7 de agosto de 2006 criando mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. De acordo com o Art.5 da Lei, violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, dano moral ou patrimonial. No Capítulo II, no Art. 7º da Lei são apresentadas as formas de violência, sendo essas: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

A violência física é entendida como ofensa a integridade ou saúde corporal; a psicológica causa danos emocionais e na autoestima, prejudica e perturba o desenvolvimento,

degrada ou controla as vivências, traz constrangimento e humilhações, ridiculariza, explora e limita o direito de ir e vir, é entendida por qualquer meio que causa danos psicológicos e à autodeterminação; a violência sexual trata-se das relações sexuais não desejadas pela mulher, que limite ou anule o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos; a patrimonial é entendida como qualquer conduta que retenha, subtraia ou destrua os objetos da vítima; e a violência moral é qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

As agressões citadas acima constituem a cultura patriarcal que naturaliza e se silencia diante dessas agressões. Antes da lei ser sancionada a violência contra a mulher era tratada como crime de menor potencial, ou seja, era banalizada e as penas geralmente se limitavam ao pagamento de cestas básicas ou trabalhos comunitários. Com a Lei n. 11.340/2006, este tipo de violência passa a ser crime, deixando de ser tratada com menor potencial ofensivo.

Segundo Novelino (1998), de acordo com as transformações sociais, a imagem da mulher muda. Entretanto, os traços que se intitulam femininos são resistentes a essas mudanças, tanto os homens quanto as mulheres possuem uma ideia de natureza feminina imutável e é por causa da concepção de uma natureza feminina que existem interpretações errôneas a respeito das discussões sobre o tema. É através de um processo de construção social que se resulta o feminino, onde há a vinculação entre o sexo biológico e as atribuições sociais.

Acreditava-se que os traços femininos eram reflexos naturais e automáticos das especificidades biológicas, ou seja, a depender do estrógeno e do útero, os tornando responsáveis pelo modo feminino de sentir, pensar e agir. “Convive-se, ainda, com antigas convicções que localizam na anatomia a origem dos traços componentes da feminilidade; acredita-se, enfim, que tudo que diz respeito à mulher pode e deve ser explicado pelas particularidades do seu corpo. (NOVELINO, 1998, p. 19).”

A autora retrata que a feminilidade só pode ser entendida de acordo com o contexto histórico vivido e representado. Nesse contexto, o feminino está se referindo ao conjunto de características determinadas pela cultura como adequadas para as mulheres e que ao passar dos anos se designa como identidade de gênero, um termo utilizado para definir a ideia de feminilidade/masculinidade. É importante lembrar que essa identidade é partilhada pelo grupo social que o sujeito está inserido e as características dessa exatidão, vividas como fundamentais, são transmitidas pelos pais como um conhecimento de que se pertence a um sexo e não ao outro.

A mulher foi instruída na sociedade a se conduzir como uma vítima à espera do ataque de um caçador, este por sua vez foi educado para ir à caça, ou seja, o homem na condição de

macho deve sempre tomar a iniciativa o que acarreta um olhar preconceituoso e estereotipado para as mulheres desinibidas. Desse modo, as mulheres são atribuídas a comportamentos dóceis e apaziguadores, enquanto os homens buscam desenvolver condutas agressivas, perigosas que sugerem força e coragem. (SAFFIOTI, 2015)

O autor supracitado narra que, em situações de violência doméstica, a brutalidade do agressor costuma ser seguida de pedidos de desculpas que quase sempre são aceitos. Isso acontece devido ao lugar de “importância” ou hierarquia que o agressor geralmente ocupa na vida da vítima. O período de tranquilidade não é permanente e geralmente a violência volta a acontecer quando o ofensor é contrariado ou retirado da posição de controle.

Uma vez que as questões sobre a violência contra mulheres não tenham sido resolvidas por completo, elas se atualizam. Desse modo, mesmo que o discurso social em algumas vezes seja de segurança e cuidado, a naturalização da violência contra mulheres é sintoma de um Estado e uma sociedade que não prezam pela proteção desse grupo minorizado socialmente. Todas as mulheres estão sujeitas a serem violentadas, sempre reivindicando serem ouvidas, reconhecidas e respeitadas, o que deveria ser direito de todos. (SAFFIOTI, 2015)

Saffioti (2015) descreve que as mulheres foram socializadas em uma ordem patriarcal atribuindo qualidades positivas aos homens, mas negativas nas mulheres. Por isso, uma pequena parte da população feminina não questiona a sua inferioridade diante da sociedade e isso pode limitar a busca e ocupação dos espaços e direitos que são de todos.

Enquanto isso, Souza (2016) elucida que o patriarcado é uma forma de organização social onde os homens têm o domínio do poder e das instituições, ele cria uma sociedade hierárquica e economicamente estratificada, onde os homens controlam os recursos e oportunidades. Atributos vistos como “femininos” ou pertencentes às mulheres são subvalorizados, enquanto atributos considerados “masculinos” ou pertencentes aos homens são privilegiados.

Saffioti (2015) cita duas faces do poder: o da potência e o da impotência, sendo o último direcionado às mulheres, como se fossem familiarizadas com a falta de poder. No caso dos homens, é o ato de violência que significa um efeito da impotência. É por isso que parte da sociedade pode considerar normal e natural homens que maltratam mulheres. Essa relação de poder pode ser observada também através de contexto familiar onde os pais violentam os seus filhos, intensificando a pedagogia da violência.

A violência de gênero, inclusive no contexto familiar, não ocorre aleatoriamente, mas a partir de uma organização social de gênero que privilegia o masculino. Dito isso, cabe definir também a relação entre o patriarcado e o capitalismo, que é um sistema econômico e

político em que os meios de produção são controlados por poucos indivíduos ou empresas privadas. De acordo com Saffioti (2015), uma das características mais marcantes da violência doméstica é a rotinização, o que colabora para uma codependência e a relação violenta se torna uma verdadeira prisão.

A partir do contexto histórico do patriarcado e da violência contra as mulheres, entende-se que o homem deve agredir enquanto a mulher deve suportar as agressões de toda ordem. O patriarcado e o capitalismo, em conjunto, são sistemas de opressão estrutural e alimentam-se da dominação de um grupo (mulheres) pelo outro (homens). A opressão contra as mulheres antecede qualquer outra forma de opressão e as mulheres de todo o mundo têm suportado o peso do patriarcado que, devido ao seu dinamismo, se sobrepôs gradual e progressivamente com formas de opressão mais novas e mais universais, ou seja, o capitalismo. (ARRUZZA, 2015).

Aida Novelino (1998) explica que, desde a Idade Média o papel da mulher no contexto familiar é determinado a partir das funções de servir, ou seja, os cuidados com a casa e com os homens que compõem a família se instalam como função do feminino, implicando na exclusão das atividades políticas e simbolizando a pureza, o recato e a fidelidade da mulher, características essas que são essenciais à mulher de acordo com uma hierarquia social. Nesse contexto, se instituiu a fragilidade, a gentileza e meiguice como traços da imagem feminina.

Sendo assim, as questões amorosas e de cuidado passam a representar a existência de uma mulher, visto que em cada momento de vida ela deveria ter como objetivo a concretização das funções indispensáveis para as quais foi destinada: ser esposa, cuidadora e mãe. Zanello, Fiuza e Costa (2015) reafirmam que esses estereótipos referenciados são o que atestam a desigualdade de gênero. A relação de poder e hierarquia entre eles, enfatizando os valores sociais e construindo espaços que privilegiam padrões comportamentais e emocionais, é o que define o que seria um homem e o que seria uma mulher.

A forma de internalizar o aspecto de inferioridade feminina, de acordo com Arruzza (2015), se dá em razão de um hábito entendido como disposições absorvidas pelos agentes sociais no decorrer do processo de socialização, produzindo estruturas inconscientes incorporadas e colocadas em práticas a partir de estímulos em um determinado alcance social.

O autor Arruzza esclarece que, a mulher incorpora o aspecto natural da sua própria discriminação e por esta razão acaba aceitando uma condição de inferioridade, olhando a si mesma por meio dos olhos masculinos e procedendo com uma interpretação de um papel determinado pela própria cultura que a discrimina, devido a isso em alguns casos a mulher não consegue identificar ou nomear a violência. A cultura patriarcal está instalada também

nos comportamentos da mulher, induzindo que ela naturalize as agressões, principalmente quando surgem de uma figura de poder.

Contudo, entre os anos de 1960 e 1970 surgiram os primeiros estudos sobre o feminismo, contribuindo para a desconstrução da essência feminina e dos lugares sociais onde as mulheres não tinham privilégios. Nesse contexto, os estudos enfatizaram a necessidade de estudar homens e mulheres de maneira conjunta, visto que os papéis de gênero são complementares e pertencem a um mesmo modo de funcionamento. (ZANELLO, FIUZA E COSTA, 2015).

Segundo Cunha (2014), os estudos feministas traçam as histórias e geografias das relações patriarcais para demonstrar que o patriarcado se manifesta de forma dinâmica e flexível, a fim de sustentar as relações patriarcais. As definições sociológicas e políticas anteriores ao patriarcado centravam-se nas relações sociais domésticas organizadas em torno da lei do pai e no controle social que os homens, como chefes de família, exercem sobre as suas esposas e filhas.

Zanello, Fiuza e Costa (2015) explanam que na cultura brasileira a imagem da mulher se funde com a beleza estética, onde está incumbido o papel de cuidado com o corpo e o dever moral de ser bela. Nesse contexto, o “ser mulher” passa por uma transição do espaço privado para o público, ou seja, a mulher passa a atuar também fora de casa além dos trabalhos domésticos e com isso enfrenta novos conflitos relacionados ao gênero.

Enquanto os homens possuem um ideal valorizado a partir do exercício ativo de sua sexualidade e produtividade laboral, as mulheres devem ser cuidadoras do lar além de serem bonitas. O autor referenciado retrata que “a esfera que cabe à mulher é a da família, onde o ideal de existência que encontra é o viver para os outros. Estar fora deste espaço não é somente considerado uma violação social, mas é visto como uma “desnaturalização”.” Isso revela os estereótipos existentes a partir do gênero e da construção social. (ZANELLO, FIUZA E COSTA, 2015, p.239).

6.2 OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NA SAÚDE MENTAL DA MULHER

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde mental pode ser compreendida como um estado de bem-estar experimentado pelo indivíduo, não se limitando apenas ao aspecto psicológico, mas abrangendo diversos fatores que contribuem para o desenvolvimento das habilidades pessoais diante dos desafios da vida e para a promoção do

bem-estar da comunidade. Este conceito vai além das dimensões individuais, reconhecendo que a saúde mental é influenciada por uma série de condições fundamentais, incluindo aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

A respeito da saúde mental, é importante observar que os problemas desta se diferem entre os gêneros. Zanello (2020) chama a atenção para a existência dessas diferenças, sinalizando que os homens possuem uma resistência ao cuidado e procura de ajuda profissional, enquanto as mulheres dispõem de mais sensibilidade aos sintomas e investigações. A influência disso parte do pressuposto de que as mulheres cuidam dos homens em casa e ao mesmo tempo precisam se cuidar. Essas distinções entre os gêneros estão imersas na cultura patriarcal e chegam até a investigação dos cuidados em saúde mental.

Embora exista progressos na redução do estigma em torno das questões de saúde mental, como por exemplo a falta de conhecimento a respeito do termo e conceito e por isso preconceito com o tema, ainda há mais trabalho a ser feito neste campo, especialmente quando se analisam as variações na saúde mental entre os gêneros. Neste sentido, segundo Andrade e Martins (2023), é imprescindível que os profissionais de saúde mental e pacientes compreendam como o gênero pode impactar o diagnóstico e o tratamento de problemas da saúde mental.

As diferença entre sexo e gênero são determinantes importantes para a saúde mental diante dos transtornos. Para maior clareza, sexo refere-se a diferenças biológicas entre homens e mulheres, e gênero refere-se aos papéis sociais e comportamentos normalmente exibidos por homens e mulheres na sociedade. Posto isso, entendendo que existem diferenças entre os gêneros e as causas dessas discriminações na saúde mental, os envolvidos podem beneficiar-se de uma maior precisão no diagnóstico de problemas de saúde mental e de opções de tratamento mais eficazes e personalizadas (ZANELLO, 2020).

Andrade e Martins (2023) relatam que, o desenvolvimento de sofrimento psíquico é geralmente uma combinação da genética e da experiência de vida do sujeito, deve ser compreendido em suas multiplicidades considerando os aspectos sociais e históricos, atentando ao fato de que gêneros diferentes têm experiências diferentes. Esse sofrimento diz respeito aos transtornos mentais, que são sintomas negativos que causam danos à saúde mental e ao bem estar físico e psicológico.

Os autores relacionam um amplo estudo que mostrou que três quartos (75%) dos problemas de saúde mental são estabelecidos antes dos 24 anos de idade, e as mulheres jovens emergiram como o grupo de maior risco para problemas de saúde mental. Além disso, um quarto das mulheres jovens (25,7%) já se lesionou mais do que o dobro da taxa dos homens

jovens. No estudo foram 26% das mulheres jovens sofrendo de um Transtorno Mental Comum, como ansiedade ou depressão – quase três vezes mais do que os homens jovens. E, 1 em cada 7 mulheres jovens (16-24) tem TEPT (em comparação com 3,6% dos homens jovens), sendo que 72% das pessoas em aconselhamento suicida são meninas. A TAE (tentativa de autoextermínio) é o terceiro motivo mais comum para as meninas que solicitam suporte profissional na área da saúde mental.

Rabasquinho e Pereira (2007) destacam que a hierarquia de gênero e questões econômicas podem colocar as mulheres em maior risco de transtornos mentais do que os homens. No entanto, as mulheres geralmente acham mais fácil falar sobre os seus sentimentos e têm redes de apoio social mais potentes, mais facilidade em confiar no outro e maior probabilidade de procurar tratamento, o que pode ajudar na proteção da saúde mental.

Os autores relatam que, quando as mulheres acham complexo falar sobre sentimentos delicados elas tendem a internalizá-los e isso pode levar à depressão, distúrbios alimentares e automutilação. Quanto aos homens, são mais propensos a expressar os seus sentimentos através de comportamentos perturbadores ou antissociais.

De acordo com a proposta deste trabalho, a partir daqui, irá se enfatizar a agressão verbal que foi definida como, a comunicação com a intenção de prejudicar um indivíduo por meio de palavras, tom ou maneira, independentemente da ocorrência de danos. Inclui ameaças verbais, comentários abertamente violentos, críticas injustas e persistentes, gritos ou insultos, bem como ações mais encobertas, como espalhar rumores ofensivos (CHARAUDEAU, 2019).

Silva *et al.*, (2023) explicitam que, a agressão verbal ocorre de diversas formas, mas pode ser resumida como o uso da linguagem e de outras formas de comunicação verbal para infligir estresse mental. Os agressores começam a insultar ou ameaçar a vítima com a intenção de induzir uma resposta emocional desejada, possuem o intuito de controlar as situações podendo deixar as vítimas chocadas e confusas, sendo assim, passam a se sentir envergonhadas ou tolas por estar nesse contexto (CATRIB *et al.*, 2018, p.292).

A agressão verbal, segundo Magalhães (2010), tem um efeito tão grande para as mulheres quanto maus-tratos físicos ou sexuais. Essa agressão por si só é um fator de risco e incitação para os transtornos mentais. Em alguns casos é possível que ocorra o desenvolvimento de quadros de alucinações, sensação de irrealidade ou instabilidade, e a conversão de emoções dolorosas em sintomas físicos.

Segundo explicam Silva *et al.*, (2023), indivíduos expostos a altos níveis de agressões verbais por parte dos pais, por exemplo, apresentam anormalidades em um importante via de

processamento da linguagem no cérebro e os efeitos variam desde confusão nos pensamentos até desenvolvimento de dores persistentes. Sobre as consequências a longo prazo dessa agressão, destaca-se dores de cabeça, gagueira e indigestão frequente, diarreia ou constipação, juntamente com doenças cardíacas relacionadas ao estresse.

Gonçalves (2020), sustenta a possibilidade de que a exposição à agressão verbal afete o desenvolvimento de algumas regiões vulneráveis no cérebro da mulher como, áreas de comunicação e de linguagem. A exposição à agressão na infância da mulher pode colocar em vigor um poderoso modelo negativo para as relações interpessoais e as possíveis consequências incluem insegurança, sentimentos de impotência em relação a si mesmo e ao outro, dificuldade em se socializar, diminuição da autoestima e das estratégias de enfrentamento.

Todo esse contexto afeta negativamente o sono e causa alterações alarmantes no apetite, no nível de energia e na capacidade funcional da mulher. Os transtornos mentais advindos das violências podem eventualmente levar a ideação suicida ou a TAE. Magalhães (2010) descobriu que as mulheres vítimas de maus-tratos tinham quatro vezes mais probabilidade do que as mulheres não vitimadas de ficarem deprimidas e/ou tentarem o suicídio.

De acordo com Gonçalves (2020), o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é outro problema de saúde mental comumente relatado em mulheres que sofrem agressões verbais. O desenvolvimento do TEPT envolve exposição a estressores traumáticos, seguido de medo pela insegurança e sensação de impotência para controlar a situação. Outra questão é que as vítimas tendem a sentir culpa e vergonha por serem agredidas dessa forma. Infelizmente, isto pode contribuir para um ciclo vicioso, uma vez que as vítimas que têm autoimagem negativas são menos propensas a tomar medidas para evitar ou sair de situações violentas (CATRIB *et al.*, 2018, p.292).

Segundo Rocha e Siqueira (2019, p.16), a violência psicológica, inclusive as agressões verbais, podem acontecer de forma impulsiva em momentos de alterações de humor, uso e efeito de bebidas alcoólicas, ou até mesmo mascaradas em forma de amor e correção. Entretanto, justificar as ações abusivas a partir dessas especificidades, dificulta para a vítima o reconhecimento da violência, prejudicando a saída da situação, uma vez que além de acreditar que foi um episódio único e/ou isolado, acaba reforçando o comportamento do agressor diante da impunidade e do poder de persuasão que ele possui sobre ela.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer os impactos negativos da violência psicológica na saúde mental das mulheres, perpassa pela necessidade de compreender os motivos pelo qual acontecem as violências de gênero, sendo algo ainda preocupante no cenário brasileiro e que ao longo da pesquisa foi abordado de várias maneiras. Por isso, este trabalho discutiu sobre a imposição social de papéis dos gêneros e a importância de desmistificá-los, discorreu-se sobre as principais formas de violência, como elas acontecem e a relevância sobre o conhecimento do tema, além de aclarar os impactos negativos da violência psicológica contra mulher, principalmente as agressões verbais dentro do contexto familiar.

As transformações da imagem da mulher ocorrem frequentemente, acompanhando as mudanças culturais e pré-definindo os aspectos que se encaixam em cada gênero, principalmente pelos modelos que a sociedade impõe que cada um siga. Com isso, pode-se observar um papel de delicadeza e cuidado direcionado à mulher, enquanto o homem deve adotar posturas que demonstram poder.

Diante desse lugar de pureza e delicadeza, a mulher foi designada aos papéis que remetem ao cuidado, principalmente relacionados ao âmbito familiar, além de dispor do dever moral de ser bela e se encaixar em padrões estéticos. As funções como afazeres domésticos, cuidado com o outro e ser bonita se tornaram obrigações da mulher, porém sob domínio e comando do homem. A sociedade é intensamente marcada pelo poder do patriarcado, que é constituído por ideias machistas e influencia diretamente na ascensão da desigualdade de gênero.

Com isso, existe uma ideia enraizada nas estruturas sociais de que o homem deve estar no controle, naturalizando atitudes violentas e criando justificativas capazes de romantizar as situações de violência. A partir disso, surge o silenciamento, onde a mulher se sente culpada ou sente medo e se cala diante das agressões. Devido a questões socioculturais, o lugar da mulher foi tratado como de submissão à figura masculina e essa concepção resultou na vulnerabilidade do gênero feminino.

Portanto, a violência contra a mulher é uma questão a ser entendida e discutida com seriedade, principalmente tratando-se de comportamentos que são naturalizados e banalizados como as agressões verbais. A saúde mental da mulher é profundamente afetada pela violência psicológica, afinal a agressão pode ser mascarada como correção e sugere que a vítima sinta culpa por causar o estresse, uma vez que seus sentimentos podem ser denominados como drama, ou tentativa de chamar atenção.

O desgaste psicológico resultante de violências pode impactar negativamente a autoconfiança e a capacidade de tomar decisões autônomas e é por isso que a superação desses desafios exige além de intervenções terapêuticas, um esforço coletivo para combater e prevenir a violência psicológica, promovendo ambientes seguros, relacionamentos familiares comunicativos e compreensíveis, locais de apoio que valorizam a saúde mental e o bem-estar das mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lindalva Jéssyka Oliveira; MARTINS, Álissan Karine Lima. **Violência e suas implicações no campo da saúde mental das mulheres**: Uma revisão integrativa da literatura no âmbito da Psicologia. Revista Ciências Humanas, v. 16, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/360342065_Violencia_de_genero_contra_as_mulheres_e_saude_mental_psiquiatria_silenciamento_e_invisibilidades> Acesso em: 10 de outubro de 2023.

ANDRADE, Mário César Rezende. **O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia**. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 1-5, dez. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202021000300001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero**: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. Revista outubro, v. 23, n. 01, 2015. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf> Acesso em: 12 de outubro de 2023.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**: LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm> Acesso em: 06 de maio 2023.

BRILHANTE, Aline *et al.*(org). **Interfaces entre saúde mental, gênero e violência**. Fortaleza: EdUECE, p .282-304, 2018.

CHARAUDEAU, P. **Reflexões para a análise da violência verbal**. Revista Desenredo, [S. l.], v. 15, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916>>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

CUNHA, Barbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado**: perspectivas de combate à violência de gênero. XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR. 2014. Disponível em: <<https://direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>> Acesso em: 06 de novembro de 2023.

GONÇALVES, Franciele Lima. **A violência psicológica contra as mulheres, traumas e consequências**. Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales), Jales, SP. 2020. Disponível em: <<https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/15/violencia-psicologica-contras-as-mulheres-traumas-e-consequencias.pdf>> Acesso em: 06 de novembro de 2023

MAGALHÃES, Teresa. **Violência e abuso** - respostas simples para questões complexas. Estado da Arte. Portugal: Coimbra University Press. p.21-45, 2010.

MEDTLER, Jéssica; CÚNICO, Sabrina Daiana. **Violência contra a mulher**: onde começa e quando termina?. Pensando família. [online]. 2022, vol.26, n.1, p. 198-213. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2022060000015>
Acesso em: 26 de outubro de 2023.

MIURA, Paula Orchiucci *et al.*,.. **Violência doméstica ou violência intrafamiliar**: análise dos termos. *Psicologia e sociedade*, 2018. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/dQc8Zb4b7z68hpCkKG9cBKK/>> Acesso em: 21 de novembro de 2023.

NOVELINO, Aida. *Movimentos sociais & educação*, Vol. 1, No 1. 2021. Tópicos Educacionais. **Feminilidade**: um perfil cultural, Recife, v. 16, n. 1-3, p. 19-31, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22453>>
Acesso em: 26 de outubro de 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

RABASQUINHO, Cidália; PEREIRA, Henrique Marques. **Gênero e saúde mental**: Uma abordagem epidemiológica. *Análise Psicológica*, p. 439-454, 2007. Disponível em:
<<https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/112>> Acesso em: 21 de novembro de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular e Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Nataly *et al.* **Violência entre parceiros íntimos**: sinais que indicam vitimização. *Anais de iniciação científica*, v. 19, n. 19, 2023. Disponível em:
<<https://revista.uniandrade.br/index.php/IC/article/view/2443>> Acesso em: 6 de novembro de 2023.

SIQUEIRA, Camila Alves.; ROCHA, Ellen Sue Soares. **Violência Psicológica contra a mulher**: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 2, n. 1, p. 12-23, 22 jun. 2019. Disponível em:
<<https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>> Acesso em: 6 de novembro de 2023.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. **Patriarcado e capitalismo**: uma relação simbiótica. *Temporalis, [S. l.]*, v. 15, n. 30, p. 475–494, 2016. DOI: 10.22422/2238-1856.2015v15n30p475-494. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/10969>. Acesso em: 24 setembro. 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Editora Appris, 2020.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. **Saúde mental e gênero**: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 27 – n. 3, p. 238-246, 2015. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/fractal/a/7ZzRG6HkzvbGYj35qZXNzyP/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 29 de março de 2023.